

## A Personagem Insólita em Literatura de Língua Portuguesa: Estudo de Casos em Mário De Carvalho, Mia Couto e Murilo Rubião

Doutoranda Luciana Morais da Silva<sup>1</sup> (UERJ)

### **Resumo:**

*Em espaços comuns, corriqueiros, na construção de situações aparentemente diversas e em continentes diferentes, personagens gestam reações inesperadas frente à incongruência de seus quotidianos. É, por exemplo, com base na categoria personagem que se pretende demonstrar as reações do narrador diante do insólito em “O circuito” (CARVALHO, 1990), do escritor português Mário de Carvalho, comparando suas marcas às apresentadas em “O homem cadente” (COUTO, 2009), do escritor moçambicano Mia Couto, e “O ex-mágico da taberna minhota” (RUBIÃO, 2005), do autor brasileiro Murilo Rubião. Com papéis matizados de variadas cores e alicerces descontínuos, as narrativas subvertem a naturalidade dos elementos constituintes do quotidiano para cunhar um mundo realístico, experienciável, porém inconstante, em que as personagens questionam os sentidos em torno de suas vivências.*

**Palavras-chave:** Insólito Ficcional, Personagens, Estudos da Narrativa, Comparatismos.

A ficção é um lugar ontológico privilegiado: lugar em que o homem pode viver e contemplar, através de personagens variadas, a plenitude da sua condição, e em que, transformando-se imaginariamente no outro, vivendo outros papéis e destacando-se de si mesmo, verifica, realiza e vive a sua condição fundamental de ser autoconsciente e livre, capaz de desdobrar-se, distanciar-se de si mesmo e de objetivar a sua própria situação. (ROSENFELD, 2011. p. 48)

A personagem de ficção, em literaturas contemporâneas, vem sofrendo profundas transformações, principalmente no *flash* ou recorte de cenas comuns e, aparentemente, corriqueiras. A ficção diversamente do mundo real, empírico, é um espaço privilegiado, conforme afirma Rosenfeld, no qual cada leitor pode reinventar seus universos de sentido e apreender experiências. É óbvio que se poderia, nesse momento, lembrar dos argumentos de Rosenfeld, em “Literatura e Personagem”, ao ressaltar a importância da categoria personagem como essencial as construções ficcionais (2011, p. 27), pois o homem interessa-se por aquilo com o que pode identificar-se. Além disso, a caracterização da personagem acaba por revelá-la de modo mais completo que as pessoas reais, da experiência do quotidiano, promovendo uma integração devido à transparência e à franqueza desse ente ficcional, que termina mais próximo e acessível, por dividir sua limitação e ilimitação com cada leitor.

Com base nos pressupostos de Rosenfeld, a personagem ocuparia o eixo central da narrativa, tendo destaque, principalmente, pelo lugar humanizado que ocupa. O espaço de reflexão e consciência narrativa permite que se notem os modos como o homem pode experienciar as múltiplas vivências e realidades de cada personagem, assim, haveria, em geral, uma humanização de referência. Tomando-se aqui como foco central a personagem e suas relações intradiegticas, podem-se perceber os modelos e instrumentais usados por alguns autores para tornar o sólito insólito, transformando as rupturas em caminhos, ao dialogar com elementos a princípio em desequilíbrio.

A recepção do insólito e das fraturas do real, representadas em textos que tem como marca distintiva a assunção de eventos *incomuns*, *ilógicos*, possibilita que, de acordo com Flavio Carneiro, em “Escrever é escrever de novo: a escrita infinita em Murilo Rubião”, cada leitor opere

o milagre simples de despertar a palavra adormecida e torná-la viva pela leitura, interessada ou indiferente, que faz. Sendo único, cada leitor promove uma nova reescritura quando lê pela primeira vez o texto, que é novamente reescrito toda vez que o leitor relê. (2013. p. 88)

O “prazer” de sentir as singularidades do texto em cada nova leitura é parte de um fluxo de recepção textual, em que, através das costuras e formulações do texto insólito, o leitor tornar-se-ia também um “criador da obra”, com novas experiências a nível textual e de leitura, propostas pelas literaturas do insólito, visto que, conforme Lenira Marques Covizzi, em *O insólito em Guimarães Rosa e Borges* (1978), o insólito se apresenta sob as mais diversas formas, como uma característica presente na ficção, a qual, hoje, já não guarda um compromisso estrito e explícito com a realidade. Ao contrário, a ficção busca na realidade traços que marquem a consistência de um real para, em seguida, questioná-lo, denunciá-lo, quer por suas inconformidades, quer pela necessidade da irrupção do insólito. A necessidade aqui anunciada refere-se há alguns conflitos passíveis de serem superados pelos eventos insólitos, amenizando, por vezes, os conflitos e desgostos quotidianos.

Os conflitos vividos por cada personagem, bem como as interferências da realidade circundante, têm demonstrado o entrelaçamento entre o real e o ficcional, dando ao homem comum a oportunidade de vivenciar novos universos de significação. A relação entre o mundo de referência e a ficcionalidade, apesar de essenciais e verificáveis nas construções narrativas atuais e passadas, não será eixo central do estudo, pois o foco das discussões debruça-se sobre a realidade diegética, tendo como traço essencial a categoria personagem e os efeitos do insólito na narrativa de ficção.

É evidente que o real, ou seja, a referência relacionada ao quotidiano, tida como normal pelo senso-comum, é elemento desencadeador da produção do insólito. Elaborar-se uma narrativa com base no mundo real, em que as personagens tratam de cenas comuns, denunciando mesmo suas expectativas em relação ao futuro para, posteriormente, romper o fluxo narrativo com a intervenção de algo estranho, inesperado e, portanto, insólito. Em seguida, a ficção torna-se múltipla e multiplicada, como afirma Lenira Marques Covizzi (1978), e permeada por um crescendo em complexidade, em que o criador de determinadas obras consiga produzir análises críticas em relação à realidade absurda da vida na sociedade circundante.

A construção da personagem e os efeitos do insólito que atuam sobre os “seres de ficção, [...] edifícios de palavras” (BRAIT, 1985. p. 10) serão percebidos em narrativas contemporâneas – entendendo-se o termo em sua acepção mais corrente, que designa um recorte cronológico localizado entre o século XX e o XXI, indicando uma perspectiva dos estudos sobre o fantástico mais atuais – de diferentes nacionalidades, porém com uma língua em comum, o português. As narrativas escolhidas para a discussão a respeito da manifestação do insólito e as formulações em torno da personagem são: “O circuito” (1990. p. 167-170), de Mário de Carvalho, escritor português; “O homem cadente” (2009. p. 15-19), do autor moçambicano Mia Couto; e “O ex-mágico da taberna minhota” (2005. p. 7-13), do ficcionista brasileiro Murilo Rubião.

Após o percurso pela noção primária da categoria personagem, devem-se desenvolver reflexões acerca dos sentidos que envolvem essas entidades, pensando, por exemplo, nos modos de manifestação do insólito nas narrativas mencionadas e os efeitos dessas subversões no âmbito ficcional. A respeito da irrupção do insólito e as configurações na esfera do discurso gerador, observa-se, com base nas discussões propostas por Lenira Marques Covizzi, quando está debruça-se sobre a construção de mundos insólitos, portanto, em crise, a elaboração de textos com a polivalência multiplicada (COVIZZI, 1978. p. 28), em que “Procura-se, experimenta-se, em todas as direções, através dos instrumentos narrativos que são assim também renovados a partir de suas virtualidades, até então, na sua grande maioria, só imaginadas” (COVIZZI, 1978. p. 29).

Desse modo, entende-se o texto ficcional como uma tessitura que abrange as mais variadas tendências, uma literatura de nuances diversas, na qual, segundo Covizzi, “não somos lançados ao

caos mas a uma especial ordenação do caos” (1978. p. 31). Assim, a manifestação do insólito presente nesses três escritores aponta para um percurso nitidamente determinante e determinado por terem sido gerados ou geradores de estranhamento. A pesquisadora Maria Cristina Batalha, em “Murilo Rubião e o fantástico brasileiro moderno”, ao tratar dos efeitos do fantástico, observa:

O efeito insólito é então criado pela hiperdimensão do real, que, tomado em sua própria trivialidade, mas repetido exaustivamente na narrativa, se transforma em transgressão e ruptura, desvelando as brechas daquilo que chamamos de real. O fato insólito, inscrito no texto por meio de uma lente de aumento, promove a radicalização do absurdo que, reduzido à sua quintessência, expõe a nu a ausência de significado para o qual ele aponta. (2013. p. 36)

Percebe-se, nesse sentido, a irrupção do insólito como uma circunstância que rompe com a comodidade das situações familiares e ordinárias, impondo, por conseguinte, o confronto da suposta normalidade com aquilo que é diferente, principalmente quando denunciado pelas personagens. Ao estabelecerem-se relações de consonância com os pressupostos elencados por Flavio García, em “Aspectos dos discursos fantásticos contemporâneos, pegados ‘às unhas’, em um conto ‘não pronto para publicação’ de Murilo Rubião”, notou-se, nos contos de Mário de Carvalho, Mia Couto e Murilo Rubião, o jogo, no plano da diegese, de estratégias discursivas empregadas na estruturação textual (2013. p. 21), em que há a surpresa e a denúncia derivada do estranhamento frente ao evento insólito.

Em “O circuito” (1990. p. 167-170), o narrador autodiegético – entidade fictícia que participa do campo das ações, como membro atuante do todo ficcional, sendo narrador e personagem, narra a partir de seu olhar como produtor e ator dos fatos – inicia seu relato a partir de considerações corriqueiras, ou seja, a dificuldade em alugar um apartamento em Coimbra. No decorrer do texto, os recortes monológicos da personagem fazem menção aos cenários mais comuns possíveis, como tomar banho, por exemplo; porém, sua percepção leva-o a observar uma mancha “que se deslocava quando se movia a sua origem” (CARVALHO, 1990. p. 168-169).

Inicialmente, quais seriam as implicações de uma mancha na parede para o novo morador? Talvez nenhuma, a não ser pelo fato de isso o incomodar e da “mancha de natureza desconhecida, da mesma consistência da cal [...] plantada no estuque” (CARVALHO, 1990. p. 169), estar em constante movimento, formando, após alguns dias e por meio da ligação de pontos marcados a lápis, “um arco de círculo que descia em direção” à cama da personagem-narrador (CARVALHO, 1990. p. 169).

O jovem estudante, a personagem-narrador, elaborado por Mário de Carvalho, é pouco a pouco envolvido por aquela pequena marca movente na parede, a princípio, sem identificação ou importância, contudo, profundamente estranha e desestabilizadora. Importam mais a personagem os caminhos trilhados pela mancha do que sua dificuldade em acessar “à casa de banho” (CARVALHO, 1990. p. 168). Poder-se-á questionar o porquê de tanto desgaste por nada, sem, portanto, desconsiderar-se a angústia gerada pela mancha preta. Observa-se, assim, o infortúnio derivado de uma mancha perambulante na parede, pois em um espaço corriqueiro, a mancha invade a vida da personagem, levando-a ao inesperado, após ela ocupar “o ponto central da espiral [...] O ponto de chegada” (CARVALHO, 1990. p. 170), como revela: “vi-me aqui entre vós, Ó gente soturna e silenciosa, a contar-vos estas coisas” (CARVALHO, 1990. p. 170).

A personagem-narrador, da narrativa “O homem cadente” (2009. p. 15-19), de Mia Couto, do mesmo modo que no conto de Carvalho, vivência um acontecimento insólito. Sua experiência ao perceber o insólito é decorrente do olhar e da forma como o homem que voa nos céus acaba interferindo em seu cotidiano. O escritor convida a que se acessem os espaços da narração, onde o narrador, a princípio homodiegético – entidade fictícia que participa do campo das ações, como membro do campo ficcional, mas sem tratar de si mesmo, ele narra à história de alguém ou de algo –, revela as circunstâncias em torno do voo de *Zuzézinho*. Seria voo ou o homem estaria caindo do

prédio? Na abertura do conto isso não fica claro, mas conforme revela o narrador: “Estava caindo? Se sim, vinha mais lento que o planar do planeta pelos céus” (COUTO, 2009. p. 15).

As dúvidas em torno do episódio narrado não ficam estagnadas, ao contrário, são adensadas por uma continuidade e permanência do estranhamento, fortemente aprofundado pelo reposicionamento do narrador, que passa de homodiegético para autodiegético ao ser inquirido sobre sua suposta percepção do homem no céu. O narrador é, de certo modo, personagem secundária ao revelar a aventura de seu amigo voador e também personagem central ao tentar transformar em sonho sua insólita visão do amigo “cadente”. O conto é desestabilizador, principalmente quando o narrador, ao questionar toda a situação, converte-a em um simples sonho, como se observa:

E, agora, pronto: ponho ponto. Nem me alongo para não esticar engano. Pois tudo o que vos contei, o voo do Zuzé e a multidão cá em baixo, tudo isso de um sonho se tratou. Suspirados fiquemos, de alívio. A realidade é mais rasteira, feita de peso e de pés na terra. (COUTO, 2009. p. 18)

Nesse sentido, o narrador põe em xeque até mesmo a realidade, já que em seguida, torna inválido o fechamento da história, ao perceber que a “normalidade” nem é tão normal quanto imagina. No dia seguinte e sem humanos voadores, o narrador depara-se com “Tudo sem notícia, tudo pouco sonhável” (COUTO, 2009. p. 19) quando chega ao local do suposto devaneio; No entanto, encontra-se com a moça, paixão escondida de Zuzé (COUTO, 2009. p. 17), que vira em seu “sonho”, e revela:

– Já não o vejo. E o senhor?

– Eu, o quê?

– O senhor consegue ver Zuzé?

Menti que sim. Afinal, mais valia um pássaro. Mesmo de fingir. Deixássemos Zuzé voar, ele já não tinha onde tombar. Neste mundo, não há pouso para aves dessas. Onde ele anda, é outro céu. (COUTO, 2009. p. 19)

O resultado da narração é por si só inesperado. Zuzé voara ou não? O conto encerra-se sem respostas, tal qual a dissonante narração. Os espaços vazios tanto no âmbito da história quanto da narração deixam questionamentos no ar, pois a realidade é rasteira, lugar onde *Zuzézinho* já não pode pousar, e, por fim, se pouso é porque o voo nem fora tão imaginário assim.

Em “O ex-mágico da taberna minhota” (2005. p. 7-13), Murilo Rubião descreve o cotidiano de um homem, com seus sofrimentos e alegrias, contudo, podem-se questionar os motivos da fulgurante angústia que sofre. O incômodo da personagem rubiana acomete o protagonista miacoutiano, pois não há respostas para a história em torno do sonho, do voo. Um homem voar repentinamente em Couto oferece a mesma desconfiança gestada na personagem de Rubião, afinal, não é normal alguém nascer e começar a fazer mágicas. Em ambos os casos, as personagens diferenciam-se por tornarem normal o que é estranho ao universo de sentidos da diegese, ainda que ao final da narrativa denunciem as situações inconvenientes, demonstrando como o voo ou mesmo a magia modificaram suas vidas.

O mágico, o homem que já nascera crescido, não é apresentado em suas “simplicidades”; ao contrário, suas mágicas espontâneas dão indícios da mescla de diversidades que formam a personagem principal rubiana. O “herói” mágico, o narrador autodiegético rubiano, desconsola-se ao ser jogado à vida comum, indicando sua amargura gradativa ao pensar em seu percurso desde o nascimento. A questão inicial que se coloca é, na verdade, como um homem ou “ser” pode acabar “atirado à vida sem pais, infância ou juventude” (RUBIÃO, 2005. p. 7)?

Neste caso pôde e assim em diante, em uma crescente desarmonia entre o esperado e o acontecido. “O que poderia responder, nessa situação, uma pessoa que não encontrava a menor

explicação para sua presença no mundo?” (RUBIÃO, 2005. p. 7). O herói, personagem com autonomia, que pode ser sublinhada pelo *monólogo* de que dispõe (HAMON, s.a. p. 84), é mesmo seu próprio questionador, tecendo uma expressiva quantidade de comentários a respeito de sua inóspita vida. O ex-mágico, antes mágico, desde seu aparecimento com cabelos ligeiramente grisalhos (RUBIÃO, 2005. p. 7), se “surpreendia” ao ser capaz de criar ou gerar o mundo por meio de suas mágicas, trazendo, portanto, ao eixo central da narrativa o confronto entre o que se tem e o que se deseja.

A personagem principal, que conta seu cotidiano, é capaz de variadas peripécias, principalmente burocratizar-se. Agora, aparentemente, surge a questão acerca do que determina o simples vocábulo burocratizar? Segundo a personagem-narrador, “tive que confessar minha derrota [...] Confiara demais na faculdade de fazer mágicas e ela fora anulada pela burocracia” (RUBIÃO, 2005. p. 13), sem antigos ou miraculosos dons mágicos, ele se ocuparia de suas atribuições humanas, tornando perceptíveis suas atribuições não humanas, as quais lhes deixaram desde sua entrada “na Secretaria de Estado” (RUBIÃO, 2005. p. 11), lugar onde tentaria “suicidar-se aos poucos” (RUBIÃO, 2005. p. 11).

As narrativas de Carvalho, Couto e Rubião permitem uma ampla discussão sobre a manifestação do insólito, denunciado a nível diegético a partir da percepção de personagens em convivência ou conflito com ele. De acordo com Wayne Booth, em *A reórica da ficção* (1980),

qualquer história será incompreensível se não incluir, mesmo sutilmente, a quantidade de contar necessária, não só para nos dar a perceber o sistema de valores que lhe dá significado, mas também – e mais importante – para nos dispor a aceitar esse sistema de valores, pelo menos temporariamente. (BOOTH, 1980, p. 129)

Assim são as histórias desses três escritores, partem de um narrador surpreendente e em consonância com seus papéis de personagens, revelando as histórias a partir de seu comprometimento com elas. As personagens-narradores mergulham em suas visões acerca do mundo no qual vivem. Elas buscam trilhar seus caminhos apenas questionando o insólito que as acomete, mas suas peripécias indicam a facilidade delas em conceber o mundo a sua volta como ilimitado, pois nele existem manchas misteriosas, voos incomuns e magias inexplicáveis. Ainda que o narrador miacoutiano caracterize-se pela diferença, acaba como integrante, ou seja, como personagem principal da história que narra, posto que seja uma testemunha do ocorrido, mesmo que o queira negar. Em Rubião e Carvalho as personagens são envolvidas pela manifestação do insólito, no primeiro como agente e no segundo como paciente. Por fim, em “O ex-mágico da Taberna Minhota” é a personagem-narrador que domina a mágica insólita e faz com que as ações sejam desencadeadas, por meio de suas escolhas, já em “O circuito”, ela é acometida de um mal-estar derivado de uma mancha que se move, a qual se perpetua até, aparentemente, sugá-la a seu âmago.

As três narrativas compõem-se de múltiplas marcas do insólito, que geram tanto um questionamento, derivado do estranhamento por parte das personagens, como também uma dúvida relacionada ao âmbito textual, pois as narrativas acabam perpetuando a ausência de respostas ou conclusões mesmo primárias. Em “O homem cadente”, o homem viu ou não *Zuzézinho* em meio ao céu?; em “O circuito”, o jovem incomodado com a mancha foi parar em qual lugar de sombras e silêncios?; e, em “O ex-mágico da Taberna Minhota”, a angústia quotidiana de ser mágico cedeu espaço para o desespero do burocrata, haveria saídas para o inconformismo dessa personagem? Essas são algumas das perguntas que se podem fazer sobre o eixo personagem e insólito, percebendo prioritariamente os efeitos de estranhamento sentidos por essas personagens.

Em Mía Couto a ocorrência do insólito tenta ser abafada pelo “sonho”, como se fosse uma invenção ou devaneio, a história deixa espaços vazios que produzem uma imersão no inesperado. Mário de Carvalho, por sua vez, transforma um jovem estudante, que deveria ser racional, em alguém paralisado, visto que envolvido por uma mancha na parede, uma armadilha para seus

sentidos. Murilo Rubião e seu mágico fornecem as referências de um mundo alucinado, no qual homens nascem insolitamente e tiram de seus bolsos o mundo ao seu redor, apesar disso, a vida não os aprova, fazendo-os peregrinar, como nas narrativas maravilhosas clássicas, por/para novos mundos e outros sentidos, diferentes do seu.

Dessa forma, percebe-se no constructo ficcional desses três autores, Carvalho, Couto e Rubião, profundas lacerações na base da constituição das personagens, as quais não conseguem conviver harmonicamente com as realidades que lhe são impostas, ora negando, ora atribuindo, novas características ao mundo em que vivem. Fato é que, como observa Booth “Muitas histórias pedem leitores confusos e o meio mais efectivo de o conseguir é usar um observador que esteja, ele próprio, confuso” (1980. p. 299).

Assim, são essas personagens tão confusas a ponto de deixarem-se guiar pelas circunstâncias, questionando em alguns momentos não o mundo e as manifestações insólitas que as cercam, mas as conjunturas a que estão inegavelmente e inelutavelmente ligadas, integradas, finalmente, aprisionadas. O olhar dos seres de papel, dos edifícios de palavras, revelam-se pelo viés da angústia e do incômodo, comunicando modos diversos de lidar com as interveniências de um quotidiano “rasteiro”, quer no sentido miacoutiano, próximo ao chão, quer no sentido figurado de desleal, de “dar rasteira”, deixando que se caia diante da confusão derivada da “polivalência multiplicada”, presente nas narrativas contemporâneas.

## **Referências Bibliográficas**

- 1] Referências conforme ABNT
- 2] BATALHA, Maria Cristina. “Murilo Rubião e o fantástico brasileiro moderno”. In: GARCÍA, Flavio e BATALHA, Maria Cristina. *Murilo Rubião 20 anos depois de sua morte*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. [p. 33-45]
- 3] BOOTH, Wayne. *A retórica da ficção*. Lisboa: Arcádia, 1980.
- 4] BRAIT, Beth. *A personagem*. Série Princípios. São Paulo: Editora Ática, 1985.
- 5] CARNEIRO, Flávio. “Escrever é escrever de novo: a escrita infinita em Murilo Rubião”. In: GARCÍA, Flavio e BATALHA, Maria Cristina. *Murilo Rubião 20 anos depois de sua morte*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. [p. 83-93]
- 6] CARVALHO, Mário. “O circuito”. In: *Contos da Sétima Esfera*. 2.ed. Lisboa: Caminho, 1990. [p. 167-170]
- 7] COUTO, Mia. “O homem cadente”. In: *O fio das missangas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. [p. 15-19]
- 8] COVIZZI, Lenira Marques. *O insólito em Guimarães Rosa e Borges*. São Paulo: Ática, 1978.
- 9] GARCÍA, Flavio. “Aspectos dos discursos fantásticos contemporâneos, pegados ‘às unhas’, em um conto ‘não pronto para a publicação de Murilo Rubião’”. In: GARCÍA, Flavio e BATALHA, Maria Cristina. *Murilo Rubião 20 anos depois de sua morte*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. [p. 11-31]
- 10] HAMON, Philippe. “Para um estatuto semiológico da personagem”. In:

ROSSUM-GUYON, Françoise Van; HAMON, Philippe; SALLENAVE, Danièle. *Categorias da Narrativa*. Lisboa: Vega, s.a. [p. 77-102]

11] ROSENFELD, Anatol. “Literatura e Personagem”. In: CANDIDO, Antônio et al. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

12] RUBIÃO, Murilo. “O ex-mágico da taberna minhota”. In: *Murilo Rubião: Contos reunidos*. 2.ed. São Paulo: Ática, 2005. [p. 7-13]

---

**i Luciana Morais da SILVA, Doutoranda**  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)  
Departamento de Letras, Literatura Comparada  
luciana.silva.235@gmail.com; lulu\_msilva@yahoo.com.br